

CRIS GUERRA

moda
intuitiva

edição
revista e
ampliada

um não manual de moda para ser feliz

CRIS GUERRA

moda
intuitiva

um não manual de moda para ser feliz





Para minha mãe, Dulce.
Para minha avó Juracy.





Apaixonei-me pelos textos da Cris quando, com coração apertado e olhos marejados, lia as cartas escritas *Para Francisco* e me encantava com toda a sua criatividade nos *looks* do *Hoje Vou Assim*. Com sua história, despretensiosamente, ela ensinou a mim — e a tantos mais — o significado de resiliência, autenticidade e reinvenção.

Agora, reinventa também o que significa envelhecer. Veste-se de liberdade, rasga alguns padrões, costura outras certezas e faz novas combinações. Como ela mesma se descreve, uma camaleoa, que é livre para se vestir, sentir e ser, nessa imensidão que é viver.

No mundo inteiro, observamos a Revolução da Longevidade. O tempo esticou e vivemos cada vez mais e melhor: com disposição, saúde, dinheiro no bolso e sonhos — muitos sonhos. Nossa pirâmide etária virou pera e, diferente do que muitos pensam, o Brasil já é um país com mais avós do que netos. Junto com os novos maduros, um mundo diferente vai emergir. *Perennial* e *ageless*, assim como a Cris.

Os anos são o pano de fundo de algumas histórias, mas há muito mais nestas páginas. Há vida, ousadia e primeiras vezes que ainda acontecem depois de muito viver. Há também novos medos, receios e fantasmas — porque eles não somem debaixo da cama com os anos a mais. Assim, a Cris revela a revolução dentro da revolução, protagonizada pelas mulheres maduras: a coragem de sermos quem quisermos ser.

**Layla Vallias, especialista em Economia Prateada,
fundadora do Hype50+ e coordenadora
do estudo Tsunami60+**

UM NÃO MANUAL DE MODA

Meu primeiro uniforme de escola foi uma camisa branca de tergal, saia plissada em xadrez tartã com predominância de tons avermelhados e um sapato boneca preto, usado sempre com meias brancas. A cereja do bolo era uma gravatinha xadrez, do mesmo tecido da saia.

Mais adiante, num colégio de classe média alta, calçando o meu Bamba branco, eu invejava as colegas que usavam tênis Converse All Star de cano alto. Naquele tempo, o tênis era privilégio dos viajados. O mesmo acontecia com os *trainings* Adidas usados pelas colegas mais abastadas nas aulas de educação física. Enfiada em meu macacão de helanca com apenas duas listras brancas, eu torcia para permanecer invisível. Desejo inútil: durante a escalação dos dois times de vôlei, eu ficava cada vez mais visível por sobrar, sozinha, indesejada por ambas as equipes – alheia aos meus desejos, a professora sempre escolhia um esporte coletivo, enquanto o meu forte era a ginástica olímpica.

Aos domingos, minha mãe me levava à feira *hippie*. Lá, eu realizava todos os meus sonhos de consumo vestindo minha loira boneca Susi com minúsculas e glamorosas roupinhas – seu armário faria inveja a Carrie Bradshaw.

Milhares de páginas de diários mais tarde, estou dentro de uma agência de publicidade. Ali, sou redatora – e fora dali, uma consumidora compulsiva de calças jeans, que me reafirmam a beleza ao me conceder um bumbum arrebicado.

O tempo avança mais um pouco e, com ele, meu guarda-roupa. Por ali passaram centenas, talvez milhares de peças diferentes. Poucas permaneceram. Mas cada uma das que ali estão é resultado de todas as outras que por ali passaram. A maioria delas foi paixão, poucas são amor de verdade. Na estrada, construiu-se um estilo.

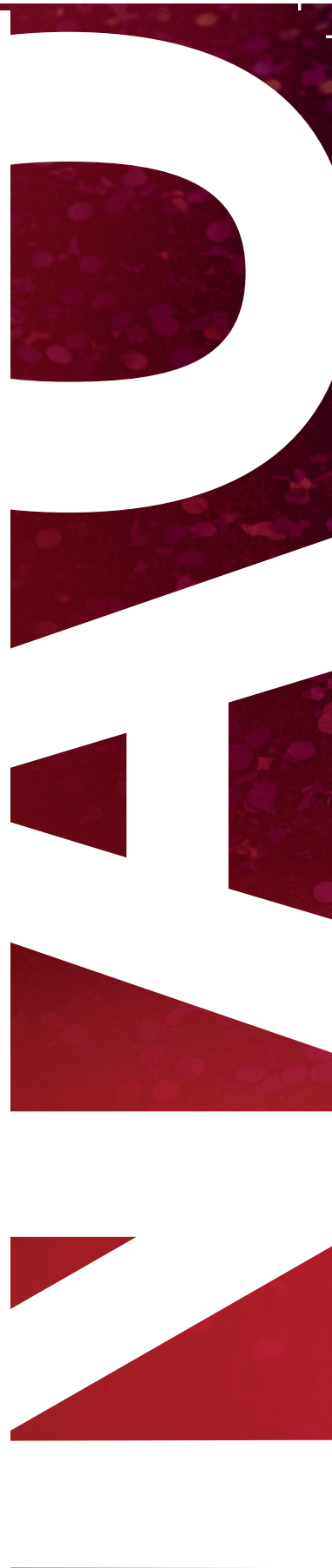
Um rápido relacionamento com uma calça saruel. Boas lembranças de uma sandália gladiador aos meus pés. Um flerte com uma calça de cintura alta. Um casamento estável com um vestido acinturado. Várias sapatilhas como grandes e melhores amigas. Paixão platônica por um *trench coat*. Anos de relacionamento com camisas brancas e vestidos vermelhos. Lenços que de vez em quando me agarram pelo pescoço, curtindo uma amizade colorida. Aventuras constantes com uma estampa de oncinha.

Um dia, no Mercado São José, em Recife, apaixonei-me por uma camisa branca de renda renascença e por uma bolsa-carteiro de couro cru. Não havia nelas nenhuma marca para lhes dar chancelas. A qualidade agora está em mim. Cresci em minhas andanças: minha melhor marca sou eu.

Se um *striptease* desnuda uma mulher completamente, o ato de vestir fala ainda mais sobre ela. Roupas contam trechos da nossa história – quanto mais vestimos, mais revelamos.

Alguns fatos me motivaram a escrever este livro. Um deles, aparentemente corriqueiro, me deixou pensativa: um link sobre moda trazia o título “Como usar blazer vinho”, como se roupas fossem eletrodomésticos que precisam de manuais de instruções. O outro, nem tão corriqueiro assim: passei mais de cinco anos me fotografando diariamente e expondo no blog Hoje Vou Assim – hojevouassim.com.br – o que eu vestia pela manhã.

Se você abrir o *Dicionário Aurélio*, vai encontrar a seguinte definição para a palavra moda: “Conjunto de usos coletivos que caracterizam o vestuário de um determinado momento histórico”. Mais adiante, a palavra *vestuário* é definida como “modo de vestir-se, de apresentar-se vestido e arrumado”. Se a moda gosta de subversão, ela já começa subvertendo a linguagem: usa-se um termo inadequado para dizer respeito ao nosso modo de vestir. Parte-se do coletivo para falar de escolhas que deveriam ser antes de mais nada particulares. Uma coisa é dizer que a moda retrata o nosso tempo – é um olhar para o fenômeno ocorrido, conclusivo. Outra, bem diferente, é pensar que somos escravos dessa moda e desse tempo.





Vivenciando a moda diariamente há mais de trinta anos, aprendi que existem duas formas de se relacionar com ela: pode ser como a devoção de um fã por seu ídolo – ao estilo tudo o que ela dita eu sigo –, um fanático que simplesmente obedece. Ou pode ser uma boa amizade, com trocas equilibradas – ela provoca desejo, eu correspondo com inteligência: sugiro, acrescento, crio, uso uma peça de um jeito inédito, devolvo o desejo com minhas próprias ideias, cores, combinações.

Aprendi que a moda não deve ser mais uma forma de nos fazer infelizes, e sim um caminho para nos libertar. Não deve ser tratada de forma superficial, pois tem uma importância muito maior na nossa vida do que o admitimos. E nem pode ser limitada a especialistas, pois faz parte do nosso cotidiano, como escovar os dentes. Saiba que você conhece muito mais de moda do que imagina: vestir-se é algo que faz parte do seu dia a dia; e não existe melhor especialista em você do que você mesmo.

Repleta de regras, já basta a vida. Então vamos deixar o **vestuário** fora disso. Dicas, sim, são mais amáveis e delicadas – o que seria de nós sem as amigas com quem trocá-las? Mas nada como o nosso jeito de fazer as coisas.



Moda intuitiva é um título natural para a maneira como eu lido com o vestuário e para o que eu acredito ser a moda como benefício. Algo que não é para ser matematizado, e sim para ser sentido e percebido – o que funciona para um pode não funcionar para outro e vice-versa.

Este livro se presta a uma função, mais do que qualquer outra: afastar você das regras e trazer para perto a sua essência. Mais do que contar o que aprendi e compartilhar o que funcionou para mim, a ideia é estimular suas próprias experiências e descobertas. E assim despertar o seu prazer de vestir como um encontro com você mesmo – natural, verdadeiro, intuitivo.

O que você tem nas mãos não pretende ser um livro de consulta. Minha intenção é que a sua leitura entre em sua vida, como um clássico entra em seu armário, e que ajude você a transformar a sua forma de abrir o guarda-roupa. Que você sinta, em vez de raciocinar. Que as suas escolhas não sejam certas ou erradas, mas que façam sentido.

Boa leitura!





CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite
é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2021